

# Ippon

## filosófico

Alemão Christoph Türcke cria o conceito do “golpe de judô” para explicar a modernidade

Eduardo Guerreiro Brito Losso

Depois do aparecimento de filósofos como Karl Marx e Theodor Adorno, que reuniam a formação, integridade e audácia de formular uma crítica contundente da sua época, é comum ouvirmos o impotente lamento de que não há pensadores vivos com tal estofo, fundamentação, abrangência e radicalidade. Contudo, o livro do filósofo alemão Christoph Türcke que acaba de ser lançado no Brasil – *Sociedade excitada: filosofia da sensação* – é uma resposta da teoria crítica à altura dos terríveis desafios recentes. Para melhor fazer entender suas ideias, Türcke vale-se de conceitos como “golpe de judô” e “metralhadora audiovisual”. (Continua)

# B

Ideias & Livros



**S**ociedade excitada prova o quanto o estado de coisas atual reconfigura o entendimento da história e mesmo da pré-história. Christoph Türcke se utiliza do conceito freudiano de compulsão à repetição traumática para desvelar nada mais nada menos que a origem da cultura.

Eis um achado de Türcke: igreja, droga e cinema são a verdadeira trindade da sociedade excitada. Os fundamentalistas se apegam a ilusões assim como os drogados; para suportar um mundo regido pelo capital, o único recurso de praticamente toda a população é viciar-se em grandes doses de estímulos audiovisuais.

Evidencia-se, então, uma tarefa difícil para o cidadão comum, mas cuja necessidade ninguém até hoje demonstrou com clareza: a ascense de suspensão da torrente de estímulos como operação de “legítima defesa cotidiana”.

O que a arte de vanguarda propõe, do início do século 20 até hoje – formas de resistência ao rapto da percepção feita pela indústria cultural – tornou-se de suma importância para que as pessoas mantenham a capacidade de concentração, de parar e refletir, ainda viva. Proteger-se dos estímulos: o que constitui o fundamento neurológico da consciência transformou-se na condição de sua sobrevivência.

A leitura da contemporaneidade feita por Christoph Türcke é, sem dúvida, a mais indicada para entender o que se passa tanto para os que de bom grado ouvem rádio nos ônibus e comem numa lanchonete diante de uma tela de TV quanto para os que se irritam profundamente com essa imposição autoritária de atenção. Simplesmente, não conheço ninguém que tenha historicizado e formulado tão adequadamente um problema cotidiano, constante e fundamental desde o nascimento do cinema e do rádio.

Pesquisadores da área de história, sociologia, comunicação, teoria da literatura, psicanálise e teologia terão muito a ganhar com a leitura do livro. Türcke é, com certeza, um dos raros pensadores originais e genuinamente críticos em atividade hoje.

Eduardo Guerreiro Brito Lasso é professor adjunto de teoria da literatura da UFRural-RJ.

**Sociedade excitada: filosofia da sensação**

Christoph Türcke. Unicamp. Tradução: Antonio Zuin, Fabio Durão, Francisco Fontanella e Mario Frungillo. 328 páginas. R\$ 88

# A tela é o foco

Nesta entrevista, Türcke defende a indústria cultural

Em *Sociedade excitada*, o senhor faz uma leitura da cultura de massa contemporânea. Qual a contribuição específica do livro para o assunto?

– A cultura de massa mudou muitíssimo. Antigamente não passava de um espaço de informação, de entretenimento, enquanto hoje em dia penetrou a vida profissional. A tela do computador, o lugar onde se manifestam os choques audiovisuais que são emitidos quase 24 horas por dia, tornou-se o foco da sociedade, o ponto de síntese social. A audiovisualidade determina cada vez mais a capacidade de perceber, de representar, de imaginar e de pensar. Todas essas capacidades elementares são cada vez mais impelidas, promovidas e, ao mesmo tempo, tendenciosamente destruídas pelos choques que essa “metralhadora audiovisual” emite.

O senhor usa a imagem da “metralhadora audiovisual” como desagregadora da percepção. Não existe uma possibilidade de esse contato estabelecer uma mutação qualitativa?

– Não são impactos de determinação absoluta. Pelo contrário, podem servir, até, sob condições favoráveis, como estímulos produtivos. Penso nos grandes realizadores que consideraram o clip de propaganda um desafio para contar uma história em um minuto. Se isso for possível, essa abreviação e essa condensação comportarão um novo grau de intensidade. Trata-se de descobrir a força da condensação. Mas essa força não se desencana senão a partir de uma postura crítica em relação à “metralhadora audiovisual”. Gosto de chamar essa reação de “golpe de judô”, golpear o inimigo com os seus próprios meios.

A arte está sempre procurando o “golpe de judô”?

– O “golpe de judô” é outra imagem para aquilo que chamo “agarrar o freio de emergência”. Isso significa frear todos esses processos de audiovisualidade cada vez mais fugazes, frear o encaminhar do progresso impellido pelos impulsos e choques individuais cada vez mais rápidos e penetrantes, a ponto de chegar a atitudes de sustentação, “ilhas sociais” de concentração, de tranquilização, de sedimentação. Tal arte não ultrapassa a velocidade por aceleração, antes, ela freia, abre espaços para pensar, cria imagens-pensamentos, que se mantêm no indivíduo, que não fogem, que não cessam de inquietar e ocupar as pessoas. Essa é a qualidade da imagem reflexiva. Nesse caso, qualquer arte relativamente bem-sucedida trabalha nessas ilhas de sedimentação e sedação.

O livro pensa a arte ao lado da pacificação e não ao lado da vanguarda. Não é um modo de representá-la como vítima?

– A arte de vanguarda se considerava ainda no esquema de um progresso social hoje em dia cada vez mais duvidoso. Eu gostaria de distinguir entre passividade e defesa. O “golpe de judô” é defesa, não é passivo.

O senhor trabalha com obras da dita alta cultura. No fim do livro, no entanto, cita o álbum *The wall*, de Pink Floyd. A indústria cultural é capaz de dar “golpes de judô” bem-sucedidos?

– Minha opinião é a de que a indústria cultural é simplesmente inevitável. Toda arte que se produz hoje em dia tem de se articular nos padrões da indústria cultural, fato esse que Adorno, por exemplo, não aceitava devidamente. Ele ainda sonhava em possibilidades

de se articular fora dela. Beckett e Schönberg, para ele, eram manifestações de resistência artística fora dos padrões da indústria cultural. De certa maneira, talvez, fossem, mas hoje em dia tal critério não é mais possível. Não temos escolha: a indústria cultural é o campo inevitável no qual o “golpe de judô” tem de ser aplicado, para o bem ou para o mal. Não temos outro campo de ação, esta é a condição quase transcendental de aplicá-lo. Adorno, embora autor da maior teoria estética do século 20, careceu dos meios conceituais para captar certos artistas como Hitchcock, que fez grandes obras de arte nos padrões de Hollywood. Para Adorno, isso foi impossível; ou arte ou Hollywood. Mas até de Hollywood podem decorrer obras de arte, e até músicos populares podem inventar slogans geniais como “another brick in the wall”.

